

---

**VOLUME 1**  
ARTE E UNIVERSIDADE

**VOLUME 2**  
VANGUARDAS

AS ARTES DO COLÉGIO

VOLUME 2 VANGUARDAS

---

**V A N**

AS ARTES DO COLÉGIO

**G U A R**

VOLUME 2

**D A S**

---

**AS ARTES DO COLÉGIO**

Volume 2 - *Vanguardas*

**DIRECÇÃO DA COLECÇÃO:**

Rita Marnoto

**COORDENAÇÃO E TRADUÇÃO:**

Rita Marnoto

**DESIGN:**

Marta Matos

**EDIÇÃO:**

Colégio das Artes da Universidade de Coimbra

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:**

Simões & Linhares

**LOCAL DE EDIÇÃO:**

Coimbra

**DATA DE EDIÇÃO:**

2016

**ISBN:**

978-989-99425-5-4

**DEPÓSITO LEGAL:**

410496/16

**AS ARTES DO COLÉGIO**  
VOLUME 2 - VANGUARDAS

**O original foi sujeito a apreciação científica por:**

Andréia Guerini (Universidade Federal de Santa Catarina)

Pedro Pousada (Universidade de Coimbra)

**INTRODUÇÃO**  
RITA MARNOTO

Mais de um século volvido sobre a eclosão dos primeiros movimentos de vanguarda, as vanguardas históricas não cessam de nos suscitar questões e de interrogar a nossa contemporaneidade. É no nosso tempo que afinal se aloja o Futuro por elas projectado.

Esta intersecção entre tempos, projectos e vicissitudes é, por si, um dos factores que hoje sobremaneira instiga a exploração de novas perspectivas críticas. Não admira, pois, que este seja um domínio de pesquisa em franca expansão. Na verdade, as investigações que mais recentemente têm vindo a ser efectuadas acerca das primeiras vanguardas apontam para um alargamento de campo, em sentido geográfico, literário, plástico ou antropológico, que até há algum tempo era perfeitamente insuspeito. Contudo, já Marinetti pontificara, em 1920, que «tutti i Futurismi del mondo sono figli del Futurismo italiano» (manifesto *Al di là del comunismo*). Se o movimento de Marinetti foi o primeiro de uma série de «ismos» de vanguarda, no tempo em que vivemos a arte encontra-se de tal forma impregnada de vanguardismo que se configura como um espécie de *satura* dos seus processos.

Este volume reúne uma série de ensaios que são dedicados à exploração de alguns âmbitos da literatura de vanguarda cujos desenvolvimentos nem sempre são muito conhecidos. O primeiro ensaio, de Fernando Cabral Martins, condensa uma reflexão sobre os mais recentes desenvolvimentos teóricos em torno do conceito de vanguarda, também na sua relação com o Modernismo. O segundo, de Giusi Baldissoni, debruça-se sobre o aspecto performativo do Futurismo. O terceiro e o quarto, respectivamente de Cezary Bronowski e de José Manuel de Vasconcelos, incidem sobre a expansão do Futurismo na zona Leste da Europa, Polónia e Rússia. Os quatro ensaios que se seguem, por contraponto, apresentam os ecos do Futurismo na zona Oeste da Europa. Começa-se pela abordagem de conjunto ao domínio ibérico elaborada por Stefania Stefanelli, a partir de uma metodologia

lexicológica, e prossegue-se com investigações acerca de um filão do vanguardismo cuja exploração é mais recente, o Futurismo de Coimbra, nos ensaios de Clelia Bettini, Manuel Ferro e Rita Marnoto. De seguida, passa-se às vanguardas dos anos sessenta do século passado com María Antonia Yélamos Martínez e, a terminar, Ana Marques Gastão estuda uma artista de vanguarda há pouco desaparecida, Ana Hatherly.

Estes ensaios, na sua maior parte, são resultado de seminários realizados no Colégio das Artes e no Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Têm na sua génese programas de investigação germinais, no objectivo de partilhar saberes, métodos de pesquisa, questionamentos, dúvidas e expectativas com o público que assistiu a essas sessões. Os estudantes de Estudos Italianos e do Colégio das Artes da Universidades de Coimbra são pois, muito especialmente, parte integrante deste livro.

## NOTAS SOBRE A VANGUARDA

FERNANDO CABRAL MARTINS

Estas são pouco mais que notas de leitura de dois artigos de Clement Greenberg. Correspondem a um projecto de definição do Modernismo português – o qual, apesar das especificidades evidentes, se não pode desligar do contexto internacional em que essa designação disputa com a de Vanguarda a eficácia descritiva.

### 1. A PALAVRA

O primeiro sentido de «Vanguarda» é o que determina um estatuto de experimentação, de exploração de formas novas. Esse é, afinal, o caso de toda a arte moderna depois de Baudelaire. Só essa qualificação de inaudito e de surpreendente pode servir para valorizar uma obra de arte, qualquer que ela seja. Vanguarda é ainda o nome dado a pintores como Picasso ou Matisse no momento em que participam de uma exposição sobre os «Pós-Impressionistas» realizada em Londres em Dezembro de 1910: mas o facto é que nessa decisiva exposição também se incluem Cézanne, Van Gogh e Gauguin, o que serve para abrir o leque do que pode ser considerado Vanguarda, pelo menos na sua relação histórica com o público. Do mesmo modo, o processo da Vanguarda consiste, segundo Greenberg, como veremos, na representação da representação, e o facto é que um tal critério pode também estender a caracterização da Vanguarda até incluir Rimbaud, Lautréamont ou Yeats.

O segundo sentido é o da Vanguarda histórica. *Networks* de artistas e de acontecimentos, de gestos e de reacções, de revistas, manifestos e exposições em cadeia, com ênfase para a existência de actos performativos que envolvem relações turbulentas com o público (que poderemos designar, no quadro português, pelo sistema *Orpheu-Portugal Futurista*). Já tinha havido também exemplos anteriores desse tipo de relações, às vezes envolvendo processos judiciais, como nos casos de *Madame Bovary* (Flaubert, 1856), *Les fleurs du mal*

**ÍNDICE**

**INTRODUÇÃO**

RITA MARNOTO

5

**NOTAS SOBRE A VANGUARDA**

FERNANDO CABRAL MARTINS

7

**SIMULTANEIDADE E TEATRALIDADE DA POESIA FUTURISTA**

GIUSI BALDISSONE

17

**OS PRIMEIROS ECOS DO FUTURISMO NA POLÓNIA**

CEZARY BRONOWSKI

31

**BUDETLIANE E FUTURISMO:**

**OS FUTURISTAS RUSSOS E O FUTURISMO ITALIANO**

JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS

43

**LÉXICOS DO FUTURISMO NAS VANGUARDAS IBÉRICAS**

STEFANIA STEFANELLI

59

**A IMAGINAÇÃO SEM FIOS DOS FUTURISTAS DE COIMBRA**

CLELIA BETTINI

93

**ÍNDICE**

**O CASO ÓSCAR (MÁRIO COUTINHO) E OS REFLEXOS  
DA VANGUARDA FUTURISTA NA COIMBRA DOS ANOS DE 1920**

MANUEL FERRO

111

**HUMBERTO SILVEIRA FERNANDES, PAROLIBERISTA**

RITA MARNOTO

151

**O FINAL DA GUERRA E A GÉNESE DAS NOVAS  
VANGUARDAS ITALIANAS DOS ANOS DE 1960**

MARÍA ANTONIA YÉLAMOS MARTÍNEZ

195

**AS TISANAS DE ANA HATHERLY  
AUTO-RETRATO DE UM SAMURAI OCIDENTAL**

ANA MARQUES GASTÃO

207

**AUTORES**

227

**O CASO ÓSCAR (MÁRIO COUTINHO) E OS REFLEXOS  
DA VANGUARDA FUTURISTA NA COIMBRA DOS ANOS DE 1920**

MANUEL FERRO

Quando em Portugal se assistia à divulgação do ideário futurista e figuras de proa, como Santa-Rita Pintor e Almada Negreiros, o davam a conhecer em iniciativas de índole vária, ou Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa acolhiam algumas das suas propostas, Coimbra não fica indiferente e reage de forma contundente, audaz e aguerrida.

O arranque é mormente protagonizado por Francisco Levita (CF. SÁ 1952; MARNOTO 1988-1989-1990; MARNOTO 1994; MARNOTO 1999; MARNOTO 1999A; MARNOTO 2009), logo em 1915, mas a segunda vaga, que aqui nos interessa mormente, surge dez anos mais tarde já com uma índole colectiva. Os protagonistas desta aventura constituem uma geração «intoxicada do ópio literário da Vanguarda», segundo as palavras de Miguel Torga (1952: 96). É a geração do Sol, movimento literário precursor da *Presença*, um grupo de jovens universitários que se reunia na Central e no quarto do estudante de medicina Mário de Avelar Nobre Coutinho. José Régio dirá mesmo: «Alguns rapazes, aos quais tenho a honra de estar ligado, tentaram, nesta pouco moderna cidade de Coimbra, um movimento de Arte Modernista. Por enquanto, os únicos factos desse movimento são um manifesto e uma conferência que não chegou a ser ouvida» (RÉGIO 1925<sup>A</sup>: 4). Dele faziam parte os signatários de *Coimbra Manifesto 1925* — Mário Coutinho, Celestino Pereira Gomes, Abel de Almada e António de Navarro — e à sua volta gravitavam ainda nomes que o futuro haveria de revelar e tornar sonantes. «Éramos uns dez, ao todo, e devíamos andar à roda dos vinte anos; José Régio, João Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca, Edmundo de Bettencourt, António de Navarro, Tomás de Figueiredo, Alexandre de Aragão, o vosso conterrâneo Abel Almada, e eu», de acordo com as palavras entusiastas e já saudosas de Fausto José, na entrevista que deu ao *Eco do Funchal*, em 1951 (JORGE 1951: 1-4). Sem sede fixa e sem programa, assumia, no entanto e de modo inequívoco, como objectivo a libertação e renovação da Arte, no âmbito da História da Literatura Portuguesa, pautando-a pelo Modernismo militante

e afirmando uma literatura inovadora e independente (CF. RÉGIO 1925B: 58). Nas palavras de José Régio, uma «literatura viva», contraposta a uma «literatura livresca» (RÉGIO [1950]), «sem a preocupação de regras que envelheciam» (CÂMARA 1996: 34).

Este movimento é considerado por António de Navarro, que dá uma entrevista em tom irónico e verdadeiramente vanguardista ao *Diário de Lisboa*, com o título «ZUM-PIM-ZIM» (CF. MARNOTO 2009: 69-72), como um primeiro momento de coesão do movimento presencista. Também noutra entrevista a José Régio, denominada «O movimento literário de Coimbra. À volta de uma conferência», o Príncipe de Judá (pseudónimo de António de Navarro) acentua a importância que o movimento Sol representa na evolução das ideias estéticas e literárias em Portugal (CF. MARNOTO 2009: 80-82).

*Coimbra Manifesto 1925*, polémico e provocatório, foi, pois, o despoletar do movimento. Publicado em folha de papel de jornal volante e recorrendo a um discurso vanguardista, distancia-se da literatura que se produzia na época e adopta a retórica das vanguardas europeias, muito particularmente do Futurismo de Marinetti (CF. MARNOTO 2009: 90-97). Na sequência dessa publicação, os mesmos elementos do grupo, a que se associaram Alberto Serpa e José Régio, projectaram proferir uma conferência sobre «o luminoso tema de Sol» (RÉGIO [1980]: 59), no Teatro Sousa Bastos. Foi, como seria de esperar, «um tremendo escândalo no meio coimbrão pela irreverência com que foram expostos certos pontos de vista», segundo as palavras de João Brito Câmara (1996: 30; GUIMARÃES 2007: 143). Tal evento nem chega ao fim devido à forte pateada do público, pela irreverência e tumulto em que se tornou. De acordo com José Régio, a assistência teria apenas compreendido o aspecto de «*blague*, de leviandade moça, de exagero rebuscado e consciente, de *pastiche* do Futurismo», sem que se apercebesse do que «de sério, de sincero, de profundo» (RÉGIO [1980]: 67) nela havia. Representava, pois, uma abertura da intelectualidade portuguesa aos novos ventos que sopravam na Europa. Todavia, tal acolhimento não impediu o grupo de planear uma segunda conferência e a publicação de uma revista modernista com o título de *Sol*, projecto que não se concretizou.

Do primeiro dos signatários do *Manifesto*, Óscar, pseudónimo de Mário d’Avelar Nobre Coutinho (FIG. 1), ainda poucos são os elementos sobre a sua biografia. Será mesmo um desafio tecer alguns dados numa linha biografista, em que a evocação memorialística se articula em harmoniosa fusão com o ensaio literário, como é apanágio de algumas biografias (CHORÃO 1995: 683-684). Os dicionários de literatura e de autores manifestam-se bastante reservados sobre esta figura (LAPA 1980: 136; ANDRADE 1999: 209, 336). Nem apontam sequer os dados biográficos de referência, como as datas entre as quais decorre a sua vida. Apenas o referem como um dos autores de *Coimbra Manifesto 1925*, tornado mais acessível apenas pela edição de Petrus [1].

Mesmo recorrendo à documentação conservada no Arquivo da Universidade de Coimbra, é difícil reconstituir o seu percurso académico, debatendo-nos com um silêncio difícil de explicar. No entanto, ali foi possível encontrar a certidão de idade, apresentada pelo próprio no acto de matrícula no Curso de Preparatórios Médicos no ano lectivo de 1920-1921, quando, aos 21 anos, ingressava no Ensino Superior. Através dela, ficamos a saber um pouco mais: havia nascido a 14 de Setembro de 1899, na freguesia de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha, filho de Joaquim de Gouveia Nobre Coutinho, proprietário, ao tempo desempenhando as funções de notário e escrivão de Direito, proveniente de São João de Areias (concelho de Santa Comba Dão) e de D. Ana d’Avelar Nobre Coutinho (em solteira Ana d’Avelar do Couto), dona de casa, natural de São Martinho do Porto. Os pais residiam na Rua de Camões, na referida cidade das Caldas. As matrizes familiares do lado materno apontam-no como neto de Joaquim José do Couto, proprietário rural e empresário agrícola.

[1] O original aparece reproduzido em Marnoto 2009: 21-22.





**FIGURA 1**  
Fotografia de Mário d'Avelar Nobre Coutinho. Cópia em suporte de papel do original ((h) 40 mm x (l) 36 mm), gentilmente cedida pelo Dr. Mário Gualdino Gonçalves.

Passada a primeira infância nas Caldas da Rainha, frequentou os bancos da escola de instrução primária e parte do curso dos liceus em Beja, onde seu tio e padrinho, Guilherme de Gouveia Nobre Coutinho, residiu durante alguns anos. Concluiu tal formação em Leiria, após o regresso da família às Caldas. Então, viria o padrinho-tio a fundar a *Gazeta das Caldas*, nas páginas da qual o próprio Mário Coutinho posteriormente colaboraria.

Em Outubro de 1919, matriculou-se na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, onde tirou cadeiras preparatórias com o objectivo de ingressar no curso de Medicina. Prosseguiu, depois, na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, já no início da década de vinte, como se verifica pela matrícula, mas, para além das matérias e disciplinas do curso, interessa-se igualmente pela cultura literária do tempo, atento que era aos ventos de modernidade que sopravam da Europa. Pelo facto, como referimos, era o seu quarto, sito na Rua dos Anjos, um dos pontos de encontro da tertúlia que partilhava dos mesmos ideais.

Durante a permanência na cidade do Mondego contraiu relações de amizade com contemporâneos que frequentavam outras Faculdades (alguns dos quais viriam a integrar o grupo da *Presença*) e que mais tarde se tornariam igualmente conhecidos como nomes significativos das letras nacionais. Entre eles citam-se, nomeadamente, José Régio, Carlos Queirós, Tomás de Figueiredo, Branquinho da Fonseca, Edmundo de Bettencourt e António de Albuquerque Navarro, com quem, durante anos, manteve correspondência. Tomava, por essa via, conhecimento da produção literária mais recente de cada um, muitas vezes através de manuscritos que os próprios autores lhe enviavam. Como exemplo, refiram-se os poemas *Enterro* de Carlos Queirós (FIG. 2), *Fandango* de António de Navarro (FIG. 3) e *Transmigração* de Tomás de Figueiredo (FIG. 4), bem como um pequeno conto de José Régio intitulado *Conto para crianças grandes*, cuja primeira página igualmente aqui se reproduz (FIG. 5). Acresce a importância deste manuscrito o facto de corresponder a uma fase de composição prévia à da versão impressa. Alguns dos poemas referidos foram depois publicados na *Gazeta*, a 28 de Fevereiro de 1926, como se pode aferir da reprodução da página em causa (FIG. 6).

Na fase de juventude decorrida em Coimbra participou durante algum tempo em tertúlias e acontecimentos de carácter vanguardista, de que são reflexos o artigo intitulado «O movimento futurista de Coimbra», publicado a 13 de Março de 1925 no *Diário de Lisboa* (FIG. 7) (CF. MARNOTO 2009: 66-69), e a entrevista «Carta de Coimbra: sobre o movimento literário e artístico», que o assume como líder do grupo, e que sai a 17 do mesmo mês em *O Comércio do Porto* (FIG. 8). É aqui fisicamente apresentado como uma figura requintada e elegante, se bem que de gosto um tanto mórbido pelas caveiras existentes a decorarem o ambiente do quarto em que habita:

É um rapaz alto e quase calvo, de aspecto distinto, faces cavadas pelas longas vigílias. Recebe-nos atenciosamente, e, depois de fumarmos um cigarro cintado de oiro, perfumado e oriental, que a sua mão de artista nos estende de uma cigarreira *repoussée*, principia a entrevista entre as baforadas de fumo azul e uma romagem que os nossos olhos fazem pelos desenhos, óleos e reproduções que animam as paredes do *appartement*.

Depois de concluído o curso de Medicina, ainda organiza uma recitação de poesia futurista nas Caldas da Rainha, em 1928, com a participação de Celestino Gomes, mas que pouca projecção veio a alcançar.

Casou-se em 1931 com Rosária Natália Pinto, de cujo casamento não teve descendência. Do ponto de vista profissional, exerceu clínica particular em Lisboa, onde habitava, até 1970, ano em que se reformou. Para além dessa sua actividade, trabalhou também para algumas instituições, nomeadamente o Banco de Portugal, onde chegou a exercer funções de chefia do corpo médico. Em paralelo ainda, e durante um número razoável de anos até à sua reforma, deu consultas gratuitas na Junta de Freguesia da sua residência, na Lapa.

Não obstante, mesmo na fase mais amadurecida da vida, deu continuidade às relações pessoais criadas em Coimbra, de modo mais efectivo com os elementos residentes na capital e nas proximidades ou com os que frequentemente ali se deslocavam. Entre eles, contavam-se António de Navarro (até à morte deste, ocorrida em 1980), Tomás de Figueiredo, Carlos Queirós e Edmundo de Bettencourt.

Faleceu em 26 de Setembro de 1984. Do seu contributo em *Coimbra Manifesto 1925*, capta-se de imediato a dívida para com as ideias difundidas nos manifestos de Marinetti: a par da entusiasta exaltação da arte, do movimento, da técnica, da cor, ao nível formal assistimos à destruição da sintaxe, à livre associação das ideias, à imaginação sem fios, à abolição da pontuação, à apresentação do verbo no infinito, à valorização do ruído e da onomatopeia... (CF. MARNOTO 2009: 91-93).

E para além das alusões em que se reconhece o discurso de matriz marinettiana de *Uccidiamo il chiaro di luna*, referindo-se ao próprio movimento, o Sol, e à acção dos seus ‘camaradas de armas’, mais explicitamente do Príncipe de Judá, adianta:

artista fazer conferencia sol conferencia luminosa porque tambem principe de judá artista fino estatua forma-movimento fulvo e inicial porque é poeta sem sêr da lúia mas do sol força dinamica energia viva luz de sempre a fulgir não sêr candeia de gado sempre fulgir a têr som arôma serpentinas de quatro côres voltar a face p'ra luz subir subir mas de face erguida a contemplar a luz elevar hossanas aos longes [...] *Os modernistas portugueses* (APUD: 107)

Para além da participação no *Manifesto*, não se conhecem, até ao momento, muitos mais textos de sua autoria, sendo estranho o limbo de silêncio que o rodeia, bem como a falta de informação, inclusive sobre a sua carreira médica. No entanto, nas páginas da *Gazeta das Caldas*, é possível rastrear algumas composições esparsas de sua lavra. É o caso de *Uma carta* (FIG. 9), mais tardia, de 25 de Outubro de 1931, longo poema, em tom irónico, em que o poeta se insurge contra o Director da publicação, por este ter anunciado publicamente nas páginas do jornal o dia do seu aniversário. Pelo facto, viu-se na contingência de celebrar a ocasião

de forma mais glamorosa – com o que não estava a contar! Trata-se de uma composição jocosa em que, apesar de assumir a forma de uma carta e estruturalmente acabar por seguir os códigos da epistolografia, recorrendo aos detalhes necessários que urge invocar na argumentação seguida, adopta uma linguagem familiar, ritmo escorreito, com um verso abundante em rimas emparelhadas, cruzadas e interpoladas e variadas formas estróficas, que lhe conferem uma fluência discursiva singular. Por outro lado, pelo modo como o raciocínio seguido é reconstituído, numa atitude dialéctica, acentua-se a separação entre a esfera do privado em relação ao interesse geral público – distinção que o Director do jornal não parece dominar...

Outro aspecto, no entanto, ainda pode ser curioso equacionar na obra de Mário Coutinho. Quando se propõe publicar nas páginas da *Gazeta das Caldas* os poemas que os amigos lhe enviam, fá-lo amiúde acompanhando-os de comentários seus, evidenciando uma outra faceta: a de crítico literário. É o que acontece com *Fandango*, de António de Navarro, e *Enterro*, de Carlos Queirós, por exemplo, ambos inseridos na «Página Literária» da *Gazeta das Caldas* de 28 de Fevereiro de 1926 (FIG. 6). À partida evidencia o teor modernista de ambas as composições, para salientar a exuberância e o grito de vida de uma e o terror e o espanto suscitado pela outra. Equaciona, no entanto, os termos da abordagem das obras em causa em função de conceitos imanentes às novas vanguardas, como o dinamismo e o movimento: «ritmo cortado e anguloso»; «movimento desvairado»; «cor doirada e perturbadora»; «ambiente alucinado e esfusiante». Pelo facto, apesar das reticências, muito embora formuladas, quanto ao sucesso do Futurismo em Portugal, acredita na possibilidade de síntese da essência da cultura nacional com as estratégias e sugestões colhidas desse movimento. No segundo caso, tratando-se de um poema de teor aparentemente mais simbolista, recorre a conceitos como «nevrose terrível e vagamente irónica»; «pressentimentos tristes e agoirentos»; «caudal imenso de angústia»; «alucinação»; «pavor»; «horror»; «ânsia falhada»; tudo contrabalançado pela dadaização do conteúdo, pela ironia leve e caricatural do quadro, para denunciar a materialidade da existência. Em suma, a apreciação dos dois poemas ocorre em função de um

código de noções sugeridas pelos manifestos do Futurismo ou outras vanguardas da época, como o Dadaísmo. O domínio das vanguardas proporciona-lhe um denominador em função do qual tanto era possível a criação literária, como a crítica. E nesse contexto, o Futurismo constituía sem dúvida alguma um pilar substancial dos fundamentos desse edifício conceptual.

Lamentavelmente, após a sua morte e da esposa, o seu espólio foi disperso pelos familiares, perdendo-se o rasto a outras eventuais composições inéditas que tivessem permanecido no silêncio das pastas ou das gavetas, não tendo sido possível resgatar de modo mais eficaz esta figura da penumbra do esquecimento e projectá-la para a clareza do Sol, a que tanto aspirava na juventude.

— ENTERRO —

— para o Mário Coutinho

I

Lá vem o Morto!  
SILENCIO!

A passo a passo, lento,  
Somolento  
Vem um cortejo caudaloso  
Atraz do Morto:  
Silenciosos e lentos  
Sem acompanhamento  
Doloroso!

— Lá vem o Morto!  
SILENCIO

II

No ar,  
Pesado e forte,  
Ha um respeito mudo e quêdo:  
— Talvez mudo  
De pensar  
Com toda a força na Morte  
Na Morte...  
Na MORTE!

Mãe! Vem-me ensinar  
A não ter medo nenhum  
— Nem d...  
Da Morte!

V.V.

FIGURA 2

Reprodução do manuscrito ((h) 227 mm x (l) 166 mm) com o poema de Carlos Queirós, *Enterro*, dedicado a Mário Coutinho. Cópia em suporte de papel do original, gentilmente cedida pelo Dr. Mário Gualdino Gonçalves.

António de Navarro 1  
Fandango (dos "Poemas litúrgicos")

Oi Dais,  
Dois perfis escuras  
firmados, cor dourada, maduros,  
cor de mel ou de centeio,  
de trigo ou de joio,  
— saltam para meio do redondel  
da dança.

Eufante, o dan... tautau...  
de pau de novo e m'braudo  
o dan... dandau...

Ele, enfeitado de verbena,  
Salta primeiro,  
ela, num feixe de petolas,  
ao depois.

E pulam n'arena  
Da dança — dan... dandau...  
— So o dais,  
com abilezas de fagela

FIGURA 3

Reprodução da primeira página do manuscrito ((h) 202 mm x (l) 122 mm) com o poema de António de Navarro, *Fandango*, a incluir num volume intitulado *Poemas litúrgicos*. Cópia em suporte de papel do original, gentilmente cedida pelo Dr. Mário Gualdino Gonçalves.

Provisoriamente  
Para o Mário

- Tu és irmão pelo espírito. Transmigrações  
Toda a noite, quando fatigado,  
os olhos se me fecham pra dormir,  
- um pato preto d'olhos a luzir,  
me vem luar na beira do telhado.

Far-me impressiono o choro a mechas  
que em meu falar - eu penso traduzir,  
e como um irmão do alto do Parnás,  
um espírito o fulgo transmigração.

- Quando os olhos se fecham  
do triste herói d'algum crime antigo  
tanto se faz, d'incógnito avós.

e chora o teu pesar, meu coração,  
sinceramente - o pato meu amigo  
fraternalmente - o pato meu irmão!.....

FIGURA 4  
Reprodução do manuscrito ((h) 162,5 mm x (l) 115 mm) com o poema de Tomás de Figueiredo, *Transmigração*, dedicado a Mário Coutinho, seu «irmão pelo espírito», com a advertência de se tratar de uma versão provisória. Cópia em suporte de papel do original, gentilmente cedida pelo Dr. Mário Gualdino Gonçalves.

## Conto para crianças grandes

Era uma vez um rei, que além de rei era poeta; e além de rei e poeta, era belo e moço. Havia, pois, um homem bem dado, e lhe não faltava o supremo dom da Alegria: O moço rei passava as horas e os anos afagando o seu galgo loiro, comendo ventos delebrados e bebendo a dita palmada nos lajos do jardim. Os aulicos amavam-no, e conversavam às vezes nos largos salões do palácio. Então, perguntavam entre si: "Que terá o nosso rei? Nada lhe falta e o nosso rei é triste." A noite da morte entrava pelas grandes janelas do sacada. E empunhados, os cortejos deixavam cair o luto e se moviam. Todas as damas da corte estavam apaixonadas pelo soberano. E às vezes, nos dias de invelho, as amigas íntimas interrogavam-no: "Que terá o nosso rei? Nada lhe falta, e o nosso rei é triste." Lá fora, o vento via as colunas como um bobo doido. Os galgos das devotas estalavam. E as damas loucas piravam, de olhos longínquos e mãos abanadoras. Uma vez, todos se esconderam: E o cortejo interrompeu-se e os três joelhos caíram, a vez qual descomulgaram a presença do rei. Vieram homens disformes, grotescos, extraordinários. O rei assim

Coimbra  
1925

José Régio

FIGURA 5  
Reprodução do manuscrito ((h) 210 mm x (l) 162 mm) com a primeira página da composição de José Régio intitulada *Conto para crianças grandes* (1925). Cópia em suporte de papel do original, gentilmente cedida pelo Dr. Mário Gualdino Gonçalves.

Pagina Literaria

DUAS POESIAS

FANDANGO

De dois dolo perla escuros, tinzados, cor d'arruços maduros, etc...

ENTERRO

Leu um p' Florio SILENCIO! A passo e passo, lento, Suspirando...

CARLOS QUEIROZ.

(DOS «DOENAS LITURGICOS») ANTONIO DE NAVARRO.

A «Gazeta» publica hoje duas poesias modernistas. Vão assim, para melhor estabelecer o contraste que se cria...

Foi em Lisboa que Carlos Queiroz me fez o «Enterro». Tão profundamente senti aquela voz forte, que logo lhe pedi para publicar na «Gazeta das Caldas»...

movimento futurista de Coimbra

Com uma grande hesitancia, como com coragem em Coimbra, a nova duma revolução artistica que o grupo futurista prepara...

Duas horas da tarde, num segundo andar duma rua estreita da «Alta». Numa porta, um cartão impellido, com um nome: Mario Coutinho...

«Falava de mim», respondeu-me então a «feminha do meio», porque dizem — está a ser publicado na outra, o grupo futurista. Não, mas, para a proxima, estoura já a bomba!

«Quis as razões que os levam a tal rebeldia?», «Furtas e variedades. Duas, as principais: mostrar o trabalho dos novos e reagir contra a corrente «comprometidos» que não nos tomam a sério...

«Sim, A principio, só os convicteis. — Depois? — Tudo e qualquer novo que queira trabalhar. Do nosso esforço, sairá uma grande revista de Arte e Lit., retina que será o arquivo dos trabalhos dos novos. — Não. De todo o país. Continuamos com o apoio de todos. Todos, ditos na nosos propósitos que — parece-me — são bons. A orientação da revista, em termos gerais, será absolutamente no futuro. Esta semana, já, deve sair o primeiro número do Comité Central, período que deve ser largamente distribuido por todo o país. Uma conferência... — Uma conferência? — Sim. Antonio de Navarro, Artista noll porreiros e vitorioso. Filipe de Juchá, fará, na proxima terça-feira, a primeira conferencia da série que pretendemos levar a effecto.

«Que tema temará? — A conferencia será por Filipo «Sola» e será uma exortação á humanidade para que abraza a «sér» en. Outras, seguirão depois. — Que nomes estão á frente do movimento? — José Rolfo, Celestino Gomes, Antonio de Navarro, João Carlos, Abel Almeida, e eu. — Por agora, De Lisboa a Porto, contamos com todo o auxilio! Se eis não vier, contra o que creiam, trabalharemos nós, sem mais ninguém. A. DE S.

FIGURA 6 Reprodução da «Página Literária» (p. 3) da Gazeta das Caldas ((h) 420 mm x (l) 300 mm), de 28-02-1926, com os poemas Fandango, de António de Navarro, e Enterro, de Carlos Queirós, acompanhados dos comentários de Mário Coutinho. Cópia em suporte de papel do original, gentilmente cedida pelo Dr. Mário Gualdino Gonçalves.

FIGURA 7 Reprodução do recorte ((h) 293 mm x (l) 66 mm) do Diário de Lisboa, de 13-03-1925, com o artigo «O movimento futurista de Coimbra», assinado por A. de S. Cópia em suporte de papel do original, gentilmente cedida pelo Dr. Mário Gualdino Gonçalves.

# Sobre o Movimento Literário e Artístico

Pomos hoje procurar Mario Coutinho para nos dizer alguma coisa sobre o movimento que os Novos de Coimbra pretendem levar a efeito, tendo já distribuído um manifesto que foi largamente comentado. Subimos as ruas íngremes da Alta, onde se comentava o acontecimento literário do dia. Mario Coutinho recebeu-nos no seu quarto de estudante de medicina, onde as caveiras põem no ambiente decorado com gosto uma mancha de tenebrosidade.

É um rapaz alto e quasi calvo, de aspecto distincto, faços cavadas pelas longas vigílias. Recebe-nos attentiosamente, e, depois de fumarmos um cigarro cintado de oiro, perfumado e oriental, que a sua mão de artista nos estende de uma cigareira *repoussée*, principia a entrevista entre as baforadas do fumo azul e uma romagem que os nossos olhos fazem pelos desenhos, oleos e reproduções que amblam as paredes do *appartement*.

Depois de nos sentarmos em duas cadeiras de verga, almofadadas com chitas garridas, Mario Coutinho responde attentiosamente á nossa primeira pergunta:

— Diga, meu amigo: Qual a orientação que pretendem dar ao movimento que iniciaram com a publicação do manifesto?

— Em primeiro lugar, concentrar as energias dos Novos com valor, a que faltava ambiente para revelarem desassombadamente as suas tendencias artisticas. Pretendemos crear esse ambiente. Para isso já lançamos esse manifesto, que já conhece, e que é um grito de revolta contra a vida estagnante e limitada de Coimbra — uma borbocha de metralha atirada a um charco onde coacham rãs. Estamos

certos que elle causará celeuma e irritação, mas a nossa vontade inquebrantavel continuará sem um amolecimento, sem um desanimo, porque é tempo de mostrar aos consagrados, aos rotineiros das Lettras, aos paralíticos da Sengibilidade, que dentro da geração de hoje, quando mais não seja, ha boa vontade, ha energia e desassombro.

— E' certo que na terça-feira se realisará no theatro Souza Bastos uma conferencia?

— Sim, meu amigo. Antonio de Navarro, um artista cuja sensibilidade está dentro do nosso seculo, está resolvido a fazel-a. Elle mostrará desassombadamente a sua Arte angulosa e estranha, onde motivos da Belleza, dos mais estilizados, vibram nas mais arrojadas concepções.

— Qual o thema da conferencia?

— Sol — título que escolheu porque n'elle cabem todas as fontes da energia e luz, toda a força que só a nossa geração pôde interpretar.

— Sobre uma revista...  
— Ah! sim! O nosso principal objectivo é lançal-a, uma revista onde todos os rapazes affirmem o seu valor.

— Tencionam realisar mais conferencias?

— Evidentemente. E' necessario que Coimbra se torne um centro de cultura moderna.

E a entrevista terminou com um *shake-hands* affectuoso. Despedimo de Mario Coutinho, e entrei na vida consolado, com a attitud d'esses Novos cheios de boas intenções, que pretendem impor-se pelas qualidades de talento e de trabalho.

I. M.

FIGURA 8

Reprodução do recorte ((h) 180 mm x (l) 117 mm) de *O Comércio do Porto*, de 17-03-1925, incluindo a entrevista de Mário Coutinho na «Carta de Coimbra: Sobre o movimento literário e artístico», assinada por I. M. Cópia em suporte de papel do original, gentilmente cedida pelo Dr. Mário Gualdino Gonçalves.

# UMA CARTA

Meu amigo: Não desejo demorar o ingrato ensejo de lhe vir manifestar a maior das arelhas, num destes ultimos dias, que você me fez passar!

Eu lhe digo, meu amigo: Que diabo importa á *Gazeta* (desculpe a pouca etiqueta) se faço anos?

Isso é comigo!

Não interessa um tal serviço nem a si, nem ao jornal; se faço anos, bem ou mal... ninguém tem nada com isso!

De mais, não é evarias?

— nenhuma, em suma, eu fazer anos num dia! Anos faz um surdo-mudo, um côxo, um parvo e um tólo, teus ou não teus miólo, grande, pequeno ou miúdo!

Porquê, pois, o seu jornal deu a lume tal noticia?

Se cre que foi 'na delicia. Prós leitores, pensou mal... Ah, perdi! Onde ha enganoso desmanchan-se: Esses meus anos p'la *Gazeta* noticiados

deram lugar que ao meu jantar apar'cessem... convidados!...

«Quem te mandou, ó Manel  
«Anunciar-te teus anos  
«No semanario papel  
«Que é feito nesta cidade?  
«Desse anúncio os graves danos  
«Terás hoje de sofrer  
«Com vontade ou sem vontade,  
«Pois terás de a pança encher  
«Aos teus amigos, rapazes  
«De fome e de sede cheios  
«Que aqui veem sem rodeios  
«Dar-te os francos parabens.

E agora, Senhor Coutinho, quem me indemnisa do vinho ou seja todo o champagne, os doces, cafés, licôres, que a pança d'esses senhores encheu? Diga e não estranhe pergunta tam racional provocada p'lo jornal que o Senhor p'r' si dirije...  
— Quem me paga essa despeza dessa sua gentileza que em dia d'anos me affige?!

... Ó Manel! Cá vai á tua... Teus dotes sobem á lua... É's um póvo de virtudes! (Ninguém o louvor estranhe, heja quem pague o champagne, que certas stão as saúdes!)

... Manel, tu és um portento! Possues formoso talento e alas á esse dote... — Não digas mais, ó menino, Tu é que bebes do fino e eu, já se vê, vou no bôte!

... Nossa amizade não mude, avigoremos a Raça! Manel, anda com a maça... Manel! A' tua saúde!

.....  
E lembrar-me que indiscreta noticia desta *Gazeta* fóra a caus disto tudo, que canudo!

Ah Coutinho, Coutinho, Ah Coutinho dum riso! Precisasvum «ensaio» Que te «molgasse» o «focinho»!...

.....  
O' meu q'rido Director! Por Deus, faça-me um favor: Não confunda os anos meus C'os interesses da região! Os anos dum Fabião São só dele — valha-o Deus! Nada têm com os Recreios... Obras ou coisa que marque; Nem co'as escadas do Parque, Iniciativa ou Correios!... Não confunda; tenha em vista Que um anúncio causa danos, Mórmente tratando d'anos Num jornal *regionalista*!

.....  
Enfim, por esta vez, passa por graças, mas veja bem, tome tento: Trate lá do Hospital, que é de interesse geral, sem 'squecer o monumento!...

.....  
'Squeça, pois os anos meus, Peço, repito, por Deus, bem reverente e submisso; se eu outros anos contar, emoita, carrasco... é calar Ninguém tem nada com isso!

I. M. C.

FIGURA 9

Reprodução do recorte ((h) 255 mm x (l) 115 mm) da *Gazeta das Caldas*, de 25-10-1931, com o poema de Mário Coutinho, *Uma carta*. Cópia em suporte de papel do original, gentilmente cedida pelo Dr. Mário Gualdino Gonçalves.

## BIBLIOGRAFIA

**ANDRADE, ADRIANO DA GUERRA**, *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1999.

*Antologia do Futurismo italiano. Manifestos e poemas*, trad. José Mendes Ferreira, Lisboa, Vega, 1979.

**CÂMARA, JOÃO BRITO**, *O Modernismo em Portugal. Entrevista a Edmundo de Bettencourt*, Coimbra, Minerva, 1996.

**CHORÃO, JOÃO BIGOTTE**, «Biografia», José Augusto Cardoso Bernardes et al., *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Verbo, vol. 1, 1995: pp. 681-684.

**GUIMARÃES, FERNANDO**, *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*, Lisboa, IN-CM, 2007.

**JORGE, ANTÓNIO**, «Numa entrevista concedida ao nosso jornal o Dr. Fausto José fala-nos da poesia e da literatura portuguesa desde o célebre grupo da 'Presença' que criou em Coimbra as mais brilhantes mentalidades da Geração Moderna», *Eco do Funchal*, 15-03-1951.

**LAPA, ALBINO**, *Dicionário de pseudónimos*, compilado por Maria Teresa Vidigal, Lisboa, IN-CM, 1980.

**LISBOA, EUGÉNIO (COORD.)**, «Levita, Francisco», *Dicionário cronológico de autores portugueses*, Mem Martins, Europa-América, vol. 3, 1994, p. 478.

**MARINETTI, FILIPPO TOMMASO**, *Teoria e invenzione futurista*, prefazione di Aldo Palazzeschi, introduzione, testo e note a cura di Luciano De Maria, Milano, A. Mondadori, 1968 [2010].

**MARNOTO, RITA**, «A obra de Francisco Levita, um Futurismo inconcluso», *Estudos Italianos em Portugal*, 51-52-53, 1988-1989-1990, pp. 145-162.

**MARNOTO, RITA**, «Levita, Almada e Dantas. O feitiço contra o feiticeiro», *A Cidade*, 9, 1994, pp. 7-21.

**MARNOTO, RITA**, «Levita (Francisco)», José Augusto Cardoso Bernardes et al., *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Verbo, vol. 3, 1999, p. 34.

**MARNOTO, RITA**, «Marinetti (Filippo Tommaso). 1. Em Portugal», José Augusto Cardoso Bernardes et al., *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Verbo, vol. 3, 1999, pp. 472-477 [1999a].

**MARNOTO, RITA**, *Francisco Levita, Negreiros-Dantas. Uma página para a história da literatura nacional. Óscar, Pereira São-Pedro (Pintor), Tristão de Teive, Príncipe de Judá, Coimbra Manifesto 1925*, [Lisboa], Fenda, 2009.

*Os modernistas portugueses. Escritos públicos, proclamações e manifestos*, coordenados por Petrus que imaginou a obra e a dirigiu e deu à estampa, vol. 1, *Do Orpheu à Presença*, Porto, Textos Universais C. E. P., s. d.

**RÉGIO, JOSÉ**, «Das ideias e dos livros O movimento de arte modernista em Coimbra. Sobre um manifesto e uma conferência», *Humanidade*, 1, 2, 15-03-1925 [1925a].

**RÉGIO, JOSÉ**, «O movimento de Arte Modernista em Coimbra. Sobre um Manifesto e uma Conferência», *Humanidade*, 2, 01-04-1925 [1925b].

**RÉGIO, JOSÉ**, *Literatura livresca e literatura viva. Manifesto literário*, Coimbra, Edição privada, [1950].

**RÉGIO, JOSÉ**, «Uma entrevista com José Régio ou o pré-presencismo», *A dez anos da morte de José Régio*, Lisboa, Editorial Resistência, [1980].

**SÁ, OCTAVIANO DE**, «O poeta académico Francisco Levita», *O Primeiro de Janeiro*, 11-12-1952, p. 3.

**TORGA, MIGUEL**, *A criação do mundo (o terceiro dia)*, Coimbra, Coimbra Editora, [1952].



**ANEXO 1**  
**CERTIDÃO DE BAPTISMO**  
MÁRIO D' AVELAR NOBRE COUTINHO

Certifico que a fl. 70 e 70v do Liv. de Bapt. de 1899 se encontra o assunto do teor seguinte: «Aos nove dias do mês de Dezembro do ano de mil oitocentos e noventa e nove, nesta Paróquia/Igreja de Nossa Senhora do Pópulo da vila e concelho de Caldas da Rainha, Patriarcado, baptizei solenemente um indivíduo do sexo masculino. A quem dei o nome de «Mário», que nasceu nesta vila às doze e meia horas da noite do dia catorze de Setembro último, filho legítimo de Joaquim de Gouveia Nobre Coutinho, escrivão de Direito e proprietário, natural da freguesia de São João de Areias, concelho de Santa Comba Dão, bispado de Viseu, e de D. Ana Avelar de Couto Coutinho, doméstica, natural da freguesia de São Martinho do Porto, deste Patriarcado, recebidos na freguesia de Nossa Senhora da Visitação e Alvorminha, deste concelho, paroquianos desta de Caldas, moradores na Rua de Camões: neto paterno de Manuel de Gouveia Nobre Coutinho e de D. Maria do Pilar das Neves e Sousa; e materno de Joaquim José do Couto, e de D. Maria da Conceição Avelar do Couto. Foram padrinhos Guilherme de Gouveia Nobre Coutinho, solteiro, estudante; e D. Clotilde do Carmo Barbosa, solteira: os quais todos sei serem os próprios. E para constar lavrei em duplicado este assento, que lido e conferido perante os padrinhos, comigo o assinam. E sa ut supra. Clotilde do Carmo Barbosa. Guilherme de Gouveia Nobre Coutinho. O Prior, Manuel Frederico de Almeida.  
Está conforme.

P.<sup>al</sup> das Caldas da Rainha, 23 de Fevereiro de 1921  
O Pároco, José Augusto do Rosário Dias

**ANEXO 2**  
**DUAS POESIAS**  
**FANDANGO**  
ANTÓNIO DE NAVARRO

Os dois  
dois perfis escuros,  
tismados, cor d'ouriços maduros,  
cor de mel ou de centeio,  
de trigo ou de joio,  
— Saltam para meio do redondel  
da dança  
Entanto, o tan... tantan...  
do pandeiro vai vibrando  
o dan... dandan...  
— Ele, enfeitado de verbena,  
salta primeiro;  
ela, um feixe de pétalas,  
ao depois.  
E pulam n'arena  
da dança – dan... dandan...  
— Só os dois,  
com agilezas de gazela.  
O pandeiro não descansa  
no lento tan... tantan...  
que desatina.  
Lembra uma lua morena  
em mãos de criança  
traquina.  
A jaqueta cor de mate,  
no compasso dos passos  
leves e breves,  
tanto o tan... tantan...

vai batendo e bate,  
o compasso dando  
da dança —  
— dan... dandan!...  
que a jaqueta mate  
descamba... bamba...  
...e bamba, desombra-se e tomba  
No redondel da festa.  
— Fandanga lesta!  
Salta, pincha... pincha...  
...berra e canta!  
Ela baila mais garrida  
e lesta nos chapins pequenos,  
doirada de mais Sol,  
com mais soluções na garganta.  
E o corpete, e o chale,  
e a saia cor d'olaia,  
e o lenço com guirlandas,  
girassol tombado na terra;  
— Tudo baila na festa do fandango,  
lá p'rás bandas da serra,  
no arraial da raia.

**(DOS POEMAS LITÚRGICOS)**

MÁRIO

A *Gazeta* publica hoje duas poesias modernistas. Vão assim, para melhor estabelecer o confronto que há entre um grito alegre, cheio de vida e exuberância, e um ai! de terror e de espanto. De tudo isto é feita a vida. São estes dois extremos que sempre se tocam: alegria, dor. Tudo mais são caminhos oscilantes passos perdidos que vão dar sempre ao mesmo fim.

O *Fandango* que novo! O ritmo cortado e anguloso, a métrica livre para que melhor dê todo o movimento desvairado e alegre dum arraial; a cor doirada e perturbadora de todo o ambiente alucinado e esfusiante. É uma tela impressionista, que António de Navarro conseguiu tocar muito bem.

Creio que em Portugal, os poetas modernistas ainda não conseguiram completamente, todo o dinamismo e cor destes quadros.

Seria admirável que os poetas da nossa geração tratassem as danças portuguesas, porque elas são um manancial de cor e movimento. Nelas se sentem também os traços anímicos, o nosso espírito sonhador e idealista, estando, conseqüentemente, em equilíbrio perfeito com as realizações da moderna literatura portuguesa.

Todas estas características se notam nas obras dos precursores do movimento modernista, como sejam nas de M. de Sá-Carneiro na literatura; Santa-Rita e A. de Sousa Cardoso na pintura, e tantos outros.

Tão acentuadamente isto se mostra, que Raul Leal, quando da revolução futurista italiana, escreve a Marinetti e faz-lhe sentir que o «futurismo-ortodoxo» nunca vingará no nosso país, pois as qualidades íntimas da raça a isso se opõem.

Estando por consequência em nós, portugueses, toda uma chama que absolutamente nos caracteriza, separando-nos de quase todos os futuristas do mundo, qual a razão por que havemos de aproveitar, sentindo-a com orgulho e realizarmos nas Obras de Arte também aquilo que é muito nosso?

A poesia de António de Navarro anima-me e leva-me a pensar, que o poeta talvez vá olhando para esses motivos, com toda a sua sensibilidade fina e apurada, mostrando-nos as suas manchas que, como esta, são caracteristicamente portuguesas.

**DUAS POESIAS****ENTERRO**

CARLOS QUEIROZ  
PARA O MÁRIO COUTINHO

**I**

Lá vem o Morto!  
SILÊNCIO!  
A passo e passo, lento,  
Sonolento  
Vem um cortejo caudaloso  
Atrás do Morto:  
Silencioso e lento  
Num acompanhamento  
Doloroso!

— Lá vem o morto!  
SILÊNCIO

**II**

No ar,  
Pesado e forte,  
Há um respeito mudo e quedo:  
— Talvez medo  
De pensar  
Com toda a força na Morte  
Na Morte...

Na MORTE!

Mamã! Vem-me a ensinar  
A não ter medo nenhum  
— Nem l...  
Da morte!

**III**

Olhe lá! Pare um instante  
De medir panos a metro;  
E MEDITE neste féretro  
Senhor Don Comerciante!

— Mamã! Já tenho sono de pensar  
Com toda a força na Morte!

**IV**

Lá dentro, na caixa preta,  
Vem o defunto quieto:  
E o cortejo longo e preto  
Seguindo lento a carreta,  
Vem coxo... tem o aspecto  
De quem anda de muleta.

Ai das velhas carpideiras  
Que vão atrás das carretas;  
E ai das pobres violetas  
A fingirem verdadeiras!

— Mamã! Quase enlouqueço de pensar  
Que já não há mais nada depois disto!

Foi em Lisboa que Carlos Queiroz me leu o *Enterro*. Tão profundamente esta poesia me tocou, que logo lhe pedi para a publicar na *Gazeta das Caldas*. Amavelmente cedeu ao meu pedido, e mesmo de longe lhe agradeço muito.

A emotividade que o poeta pôs nestes versos, a nevrose terrível e vagamente irónica que os acompanha, são, por certo, resultados de todo um mundo nocturno, povoado de pressentimentos tristes e agoirentos, caudal imenso de angústia, que logo se reconhece na primeira estrofe.

Julgo sentir os momentos que o poeta passara ao compor esta sinfonia. Tão grande devia ser a alucinação, tão fundo o pavor do que fica para *lá*, que ele todo se contrai, todo se dadaiza e ingenuamente, mas cheio de horror, exclama:

Mamã! Vem-me a ensinar

A não ter medo nenhum

— Nem l...

Da Morte!

O poeta sente o que existe, mas todo desconhece. Aquele reino negro que se abre não sei a que altura, onde um número infinito de bocas constantemente por nós chamam.

Depois segue a ironia leve e caricatural do quadro, a nota terrena e espessa do acompanhamento.

O artista teve razão. Era preciso mais alguma coisa. Devia sentir-se a *passagem*, o astralismo que emana do ambiente, e ao olharmos, o *vácuo-fantasma em vertigem*, como lhe chama Henoch.

É, por certo, a falta de elevação que preside a toda a cerimónia, que faz com que o poeta diga:

Mamã! Quase enlouqueço de pensar

Que já não há mais nada depois disto!

Que desgosto encerram estes dois versos!

Toda a ânsia falhada, e o cair, o desmoronar num aniquilamento baixo e despersonalizante.

Mas ainda há um ponto que eu gostaria de frisar a Carlos Queiroz. A reminiscência que a quarta estrofe me deu do quadro de Maria Varsilieff.

O que mais me impressionou no quadro da artista foi a posição rigorosamente inerte do cadáver. E a quarta estrofe da poesia, deu-nos da mesma maneira a atitude fria e estática do quadro:

Lá dentro, na caixa preta,

Vem o defunto quieto:

E o cortejo longo e preto

Sinto, na verdade, este caso interessante, que se pode exprimir assim: O Morto está para sempre!

Oxalá que o poeta continue trabalhando, para melhor vincar a sua personalidade e assistirmos, quando da publicação do seu primeiro livro, a um sucesso firme e indiscutível.

**ANEXO 3**  
**TRANSMIGRAÇÃO**  
TOMÁS DE FIGUEIREDO

Provisoriamente  
para o Mário —  
— meu irmão pelo espírito

Transmigração

Todas as noites, quando fatigado,  
os olhos se me fecham para dormir,  
— um gato preto d'olhos a luzir,  
Me vem miar na beira do telhado.

Faz-me impressão o choro alucinado  
que em seu falar, — eu penso traduzir,  
e como um Buda do alto do Pamir,  
um espírito o julgo transmigrado.

— Quanta dor condensada nessa voz.  
do triste herdeiro d'algum crime antigo  
muito detraz, d'incógnitos avós:

e chora o teu pesar meu coração,  
sinceramente — ò gato meu amigo,  
fraternalmente — ò gato meu irmão!...

**ANEXO 4**  
**CONTO PARA CRIANÇAS GRANDES**  
JOSÉ RÉGIO

Era uma vez um rei, que além de rei era poeta; e além de rei e poeta, era belo e moço. Seria, pois, um homem bem doado, se lhe não faltasse o supremo dom da Alegria: O moço rei passava as horas e os anos afagando o seu galgo loiro, compondo versos desconsolados, e olhando a água pasmada nos lagos do jardim. Os áulicos amavam-no, e conversavam às vezes nos largos salões do paço. Então, perguntavam entre si: «— Que terá o nosso rei? Nada lhe falta e o nosso rei é triste». A sombra da noite entrava pelas grandes janelas de sacada. E compungidos, os cortesãos deixavam cair os braços e cismavam. Todas as damas da corte estavam apaixonadas pelo soberano. E às vezes, nos serões de inverno, as amigas íntimas interrogavam-se: «— Que terá o nosso rei? Nada lhe falta e o nosso rei é triste». Lá fora o vento ria aos soluços como um bobo doido. Os galhos das árvores estalavam. E as damas suspiravam, de olhos longínquos e mãos abandonadas. Ora um dia, todos se combinaram: E os cortesãos encomendaram os bufões mais raros, a ver qual desensombrava a frente do rei. Vieram homens disformes, grotescos, extraordinários. O rei assis...

Coimbra, 1925

**ANEXO 5**  
**MOVIMENTO FUTURISTA DE COIMBRA**  
 (DIÁRIO DE LISBOA, 13-03-1925)  
 A. DE S.

Com uma grande insistência, começou correndo, em Coimbra, a nova de uma revolução artística que o grupo futurista prepara, empreendimento ao qual – diziam – estão ligados nomes dos mais brilhantes da Academia, tendo à sua frente Mário Coutinho, um novo cheio de boa vontade, de faculdades, de trabalho, de talento. A princípio, pensou-se numa «blague» artística, melhor ou pior arquitectada, ou, quando muito, em mais uma tentativa que não vingasse, de princípio, isto quando muito.

Duas horas da tarde, num segundo andar duma rua estreita da «Alta». Numa porta, um cartão impresso, com um nome: Mário Coutinho. Batemos. Aparece-nos um tipo alto, magro, gasto pela vida, não pelos anos, figura insinuante e distinta.

O aposento de Mário Coutinho é o aposento dum Artista, o reflexo de ele próprio: nas paredes, quadros e reproduções berrantes de pintores, panfletos portugueses, franceses, italianos, de todas as facções modernistas. Sobre as mesas, jornais, revistas nacionais e estrangeiras, modernas. Na banca de trabalho, um folheto de Marinetti.

- Que o traz por cá?
- O pedido duma entrevista, o desejo dum esclarecimento.
- Acerca de...?
- ... Do movimento de que se fala e à frente do qual – ao que dizem – está V. Corre que, ainda nesta semana, ou em princípios da outra, o grupo futurista dará que falar de si, apresentando-se a público.
- Tal nova tem fundamento – meu amigo! É verdade o que dizem. Esta semana, não; mas, para a próxima, estourará a bomba.
- Quais as razões que os levam a tal resolução?

– Muitas e variadas. Duas, as principais: mostrar o trabalho dos novos e reagir contra a opressão «conselheiral» dos que não nos tomam a sério.

– E porque razão iniciam, em Coimbra, o movimento?

– Queremos mostrar que Coimbra não morreu, que ainda é um centro artístico, onde há vida, aspirações e gente que sabe o que quer, que tem um fim. Há dez anos, pouco mais ou menos, não sai de cá uma obra que fique, que marque. Nós pretendemos construir essa obra.

– E são só os futuristas que iniciam o movimento?

– Sim. A princípio, só os convictos.

– Depois...?

– ... Todo e qualquer novo que queira trabalhar. Do nosso esforço, sairá uma grande revista de Arte e Literatura que será o arquivo dos trabalhos dos novos.

– Só de Coimbra?

– Não... De todo o país. Contamos com o apoio de todos, todos, dados os nossos propósitos que – parece-me – são bons. A orientação da revista, em seus traços gerais, será acentuadamente moderna. Esta semana, já, deve sair o primeiro panfleto do Comité Central, panfleto que deve ser distribuído por todo o país. Uma conferência...

– Uma conferência?

– Sim. António de Navarro, Artista mil novecentos e vinte cinco, Príncipe de Judá, fará, na próxima terça feira, a primeira conferência da série que pretendemos levar a efeito.

– Que tema tratará?

– A conferência terá por título *Sol* e será uma exortação à humanidade para que aprenda a «Ser-se». Outras, seguir-se-ão.

– Que nomes estão à frente do movimento?

– José Régio, Celestino Gomes, António de Navarro, João Carlos, Abel Almada e eu.

– Só?

– Por agora. De Lisboa e Porto, contamos com todo o auxílio. Se ele não vier, contra o que contamos, trabalharemos nós, sem mais ninguém.

**ANEXO 6**  
**CARTA DE COIMBRA**  
**SOBRE O MOVIMENTO LITERÁRIO E ARTÍSTICO**  
(O COMÉRCIO DO PORTO, 17-03-1925)

J. M.

Fomos hoje procurar Mário Coutinho para nos dizer alguma coisa sobre o movimento que os Novos de Coimbra pretendem levar a efeito, tendo já distribuído um manifesto que foi largamente comentado. Subimos as ruas íngremes da Alta, onde se comentava o acontecimento literário do dia. Mário Coutinho recebe-nos no seu quarto de estudante de medicina, onde as caveiras põem no ambiente decorado com gosto uma mancha de tenebrosidade.

É um rapaz alto e quase calvo, de aspecto distinto, faces cavadas pelas longas vigílias. Recebe-nos atenciosamente, e, depois de fumarmos um cigarro cintado de oiro, perfumado e oriental, que a sua mão de artista nos estende de uma cigarreira *repoussée*, principia a entrevista entre as baforadas de fumo azul e uma romagem que os nossos olhos fazem pelos desenhos, óleos e reproduções que animam as paredes do *appartement*.

Depois de nos sentarmos em duas cadeiras de verga, almofadadas com chitas garridas, Mário Coutinho responde atenciosamente à nossa primeira pergunta:

— Diga, meu amigo: Qual a orientação que pretendem dar ao movimento que iniciaram com a publicação do *manifesto*?

— Em primeiro lugar, concentrar a energia dos Novos com valor, a que faltava ambiente para revelarem desassombradamente as suas tendências artísticas. Pretendemos criar esse ambiente. Para isso lançamos esse manifesto, que você já conhece, e que é um grito de revolta contra a vida estagnante e limitada de Coimbra — uma bomba de metralha atirada a um charco onde coacham rãs. Estamos certos que ele causará celeuma e irritação, mas a nossa vontade inquebrantável continuará sem um amolecimento, sem um desânimo, porque é tempo de mostrar aos consagrados, aos rotineiros das Letras,

aos paráliticos da Sensibilidade, que dentro da geração de hoje, quando mais não seja, há boa vontade, há energia e desassombro.

— É certo que na terça-feira se realizará no Teatro Sousa Bastos uma conferência?

— Sim, meu amigo. António de Navarro, um artista cuja sensibilidade está dentro do nosso século, está resolvido a fazê-la. Ele mostrará desassombradamente a sua Arte angulosa e estranha, onde motivos de Beleza, dos mais estilizados, vibram nas mais arrojadas concepções.

— Qual o tema da conferência?

— Sol — título que escolheu porque nele cabem todas as fontes de energia e luz, toda a força que só a nossa geração pode interpretar.

— Sobre uma revista...

— Ah! Sim! O nosso principal objectivo é lançá-la, uma revista onde todos os rapazes afirmem o seu valor.

— Tencionam realizar mais conferências?

— Evidentemente. É necessário que Coimbra se torne um centro de cultura moderna.

E a entrevista terminou com um *shake-hands* afectuoso: Despedi-me de Mário Coutinho, e entrei na vida consolado, com a atitude destes Novos cheios de boas intenções, que pretendem impor-se pelas qualidades de talento e de trabalho.





**ANEXO 8  
UMA CARTA**

(GAZETA DAS CALDAS, 25-10-1931)  
M. C.

Meu amigo: Não desejo  
demorar o ingrato ensejo  
de lhe vir manifestar  
a maior das arrelias,  
num destes últimos dias  
que você me fez passar!  
Eu lhe digo,  
meu amigo:  
Que diabo importa à *Gazeta*  
(desculpe a pouca etiqueta)  
Se faço anos?  
Isso é comigo!

Não int'ressa um tal serviço  
nem a si, nem ao jornal;  
se faço anos, bem ou mal...  
ninguém tem nada com isso!

De mais, não é «avaria»  
nenhuma,  
em suma,  
eu fazer anos num dia!  
Anos faz um surdo-mudo,  
um coxo, um parvo e um tolo,  
tenha ou não tem há miolo,  
grande, pequeno ou miúdo!

Porquê, pois, o seu jornal  
Deu a lume tal notícia?  
Se crê que foi 'ma delicia  
Prós leitores, pensou mal...  
Ah, perdão! Onde há enganoso  
desmancham-se: Esses meus anos  
p'la *Gazeta* noticiados  
deram lugar  
que ao meu jantar  
apar'cessem... convidados!...

«Quem te mandou, ó Manel  
«Anunciaree teus anos  
«No semanário papel  
«Que é feito nesta cidade?  
«Desse anúncio os graves danos  
«Terás hoje de sofrer  
«Com vontade ou sem vontade,  
«Pois terás de a pança encher  
«Aos teus amigos, rapazes  
«De fome e de sede cheios  
«Que aqui vêm sem rodeios  
«Dar-te os francos parabéns.

E agora, senhor Coutinho,  
quem me indemniza do vinho  
ou seja todo o champagne,  
os doces, cafés, licores,  
que a pança desses senhores  
encheu? Diga e não estranhe  
pergunta tão racional  
provocada p'lo jornal  
que o Senhor p'r'aí dirije...

— Quem me paga essa despesa  
dessa sua gentileza  
que em dia d'anos me aflige?!

...Ó Manel! Cá vai à tua...  
Teus dotes sobem à lua...  
És um poço de virtudes!  
(Ninguém o louvor estranhe,  
haja quem pague o champagne  
que certas 'stão as saúdes!)

...Manel, tu és um portento!  
Possues formoso talento  
e alias a esse dote...  
— Não digas mais, ó menino,  
Tu é que bebes do fino  
e eu, já se vê, vou no bote!

...Nossa amizade não mude,  
avigoremos a Raça!  
Manél, anda com a maça...  
Manél! À tua saúde!

E lembrar-me que indiscreta  
Notícia desta *Gazeta*  
fora a causa disto tudo,  
que canudo!

Ah Coutinho, Coutinho,  
Ah Coutinho dum raio!  
Precisavas dum «ensaio»  
Que te amolgasse o «focinho»!...

Ó meu qu'rido Director!  
Por Deus, faça-me um favor:  
Não confunda os anos meus  
Co'os interesses da região!  
Os anos dum Fabião  
São só dele – valha-o Deus!  
Nada têm com os Recreios...  
Obras ou coisa que marque;  
Nem co'as escadas do Parque,  
Iniciativa ou Correios!...  
Não confunda; tenho em vista  
Que um anúncio causa danos,  
Mormente tratando d'anos  
Num jornal *regionalista*!

Enfim, por esta vez, passa  
por graça;  
mas veja bem, tome tento:  
Trate lá do Hospital,  
que é de interesse geral,  
sem 'squecer o monumento!...

'Squeça, pois os anos meus,  
Peço, repito, por Deus,  
bem reverente e submisso;  
se eu outros anos contar,  
«moita, carrasco»... é calar  
Ninguém tem nada com isso!